

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

### Mons. Miguel de Oliveira

A 2(8 de Fevereiro de 1968, fatoen em Lisboa o nosso ilustre colaborador i<sup>(\*)</sup> Mons. Miguel Augusto de Oliveira, natural dia freg. de Válega, dio 'come. de Ovar, onde miaisiceu a 15 de Dezembro de 1897.

Como já tive ocasião de es'crever (2), o ilustre e Virtuoso sacerdote prestou relevantes serviços à Igreja e à Cultura Portuguesa como professor do Seminário de Preparatorios ido Porto '(1920-25), chefe da Redacção ido jornal *Novidades* (1925-32), relactor do mesmo jornal e censor literário da secção editorial da União Gráfica f( 1932-68), onde se revelou jornalista e escritor de largos recursos. Mons. Miguel de Oliveira foi também notável orador sagrado e conferencista, tendo falado em grandes solenidades e em diversos congressos.»

Esta múltipla actividade não impediu Mons. Migue! ide Oliveira de se dedicar à investigação histórica, cujo primeiro trabalho — *Válega. Memória histórica e descritiva*—publicou em 1921-23, qu)andO professor de História no Seminário do Porto.

Os cargos desempenhiados em *Novidades* e ma União Gráfica obrigaram-no a interromper temporãriãaimiente os trabalhos históricos, que <só pôde recommear em 1935.

A partir desta datai, publicou, quase (anualmente, estudos históricos em pequenas monografias unis, em livros de maior fôlego outros, mas todos éles de grande interesse. Sejam fruto de investigação directa das fontes ou resultado de profundai meditação e crítica objectiva sobre o que 'outros hiaviam já escrito, os seus estudos, origináis ou sínteses, primam pela dlarividéodia e rigor científico e dão, frequentemente, nova Visão dos problemas debatidos.

É mérito incontestável do Autor ter aberto novos horizontes a outros investigadores e ter também evitado que, em certos proble-

0) *Revista Portuguesa de História*, V (Coimbra, 1951)1: «Origens da Ordem de ICüisiteir em Portugal», pp. 317-353, e VII ((1963): «Santa Iria e Samitarém», pp. 439-470u

i(2) «Mons. 'Miguel de Oliveira, (Notas Bio-Bibliográficas», in *Lusitania Sacra*, VIII |(Di'sboa, 1970), PP- 7-19.

mias, se deturpasse a verdade. Estão no primeiro idaiso os seus estudos *Dias da semana em português* e *Origens da Ordem de Cister em Portugal*.

Quiamdo M. de Paiva Boleo e Wilhelm Giese, professores, respectivamente, dais Universidades de Coimbra e de Hamburgo, idiscutiam a origem da nomenclatura peculiar dos dias da semana em português, atribuindo-a o primeiro <a influêncda dista e o segundo a influência árabe, no que foi secundado por J. Pedro Machiaidb, Moins. Miguel de Oliveira, com o trabalho acima referido, ampliado depolis em *A hemerorúmia portuguesa*, trouxe novos dados que demonstraram ser a nomenclatura portuguesa — «simples versão da eclesiástica»\*

*Origens da Ordem de Cister em Portugal*<sup>3</sup>, além de corrigir erros inveterados, deu nova orientação aos trabalhos ido ilustre cisterciense francês Dom Maur Cocheril, quando, em 1952, vedlo a Portugal, pela primeira vez, oom o fim (de microfilmar e estudar os fragmentos de música medieval, que eu tinha reunido e fotografado. A leitura daquele traiba-lho de Mons. Miguel de Oliveira despertou-lhe tal interesse pelo estudo da Ordem de Cister na Península Hispânica que é hoje o melhor especialista na matéria, sobre a qual tem publicado muitos e valiosos trabalhos (4).

Em apodo da segunda afirmação, lembro que era para Mons. Miguel de Oliveira que a Nunciatura Apostólica e o Paítriaroado de Lisboa remetiam todos os pedidos de informações bistóricas vindos do estrangeiro. As suas eruditas respostas «evitaram que se repetissem erros sobre a nossa História ou mos 'considerassem uma província de Espanha.. Dentro deste critério «está a colaboração prestada às enciclopédias alemãs *Lexikon der Marienkunden* e *Lexikon fur Théologie und Kirche*, em que 'escreveu, respectivamente, os artigos *Santuários Marianos Portugueses* e *Dioceses portuguesas, Portugal*, etc.

Afirmação idêntica se pode fazer de parte dos milhares de

**1(8)** *Revista Portuguesa de História*, V ;(Coimbra, 1951)', pp. 317-353.

(4) Cito apenas *Études sur le Monachisme en Espagne et soi Portugal*,

Parfis, 1966, lem que o Autor refumdie vários esituf'dos anteriores, e *Notes sur VArchitecture et le décor dans les abbayes cisterciennes du Portugal*, Paris, 1972.

artigos que escreveu, durante 25 anos, paria os 40 volumes da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

Os trabalhos históricos de Mons. Miguel die Oliveira foram bem recebidos e muito apreciados, e seguidas, em geral, as suas sugestões, menos a de *Ourique em Espanha*. Mereceram-lhe ser nomeado sócio correspondente da Academia Portuguesa da História em 1951, passando para académico de número a 27 dle Abril em 1956.

Na Hagiografia nota-se, por vezes, hipercriticismo, como reacção coruta tradições muito arraigadas, mas, em certos casos, inconsistentes.

Ainda em sua vida, tive ocasião de lhe manifestar o meu desacordo quanto aos seus artigos sobre os Santos de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, e *Santa Iria e Santarém*<sup>5)</sup>,

Sobre o primeiro escrevi-lhe a 19 de Junho de 1964: «Agradeço o seu livro *Lenda e História*, que apreciei como todos os seus outros trabalhos. Acho, contudo, um pouco forte a crítica aos santos Mártires de Lisboa, sobretudo por ter aludido ao caso da inscrição de Máximiai e Júlia.

É que, daqui em diante, não obstante as reservas que V. Rev.<sup>a</sup> lhe põe, vão dizer que V. Rev.<sup>a</sup> afirmou que os Mártires de Lisboa não passam de cristianização dos nomes dessa inisorição.»

Respondeu-me logo a dizer: «*Realmente os Santos Mártires de Lisboa talvez ficassem um pouco desfavorecidos no meu livro. Como tinha sido demasiado afirmativo na primeira redacção* (6), *é possível que me haja excedido ao procurar atenuá-la. Quanto à inscrição, pareceu-me que não devia ignorar o artigo da «Revista Municipal», manifestando embora o meu desacordo.*

*A opinião que tenho a respeito desses Mártires é que eles não são de autenticidade segura. Mas isto pode iexprimisse de várias maneiras...».*

Investigações posteriores, a que espero referir-me mais demoradamente em próximo trabalho, mostram que os Mártires de Lisboa já tinham culto nesta cidade na «época visigótica e que o seu

(5) O segundo <foi publicado no vol. VII desta *Revista* e em *Lenda e História — Estudos hagiográficos* (Lisboa, 1964), pp. 7-55.

(6) iReferise ta dois artigos publicados sobre dies em «Leftras e Art&9», de *Novidades*, a 30 dle iSetembro e a 7 de Outubro de 1945.

culto se difundiu na Galiza amites da ocupação árabe. Não parece, portanto, haver motivos seguros para pôr em dúvida a sua existência histórica.

Tendo de rever o problema de Santa Iria para a obra *Fátima — História e Missão*, voltei a escrever a Mons. Miguel de Oliveira a mostrar-lhe a minha discordância por ele negar a existência daquela santa e procurar explicá-la por uma errada interpretação do nome da cidade ribatejana *Santarém*.

Em carta de 24 de Novembro de 1967 insiste: «*Eu não admito que em «Santarém» se oculte o nome de uma santa. Chamo-lhe um falso hagiotopónimo. Considero que a santa local resultou de uma falsa interpretação do nome da cidade.*»

Não é -aceitável esta explicação, perqué Santa Irene ou Iria já tinha culto em Portugal antes de Santarém ter este nome, como mostrarei noutro trabalho (7).

\*

Na -impossibilidade de apreciar cada um dos numerosos trabalhos históricos publicados por Mons. Miguel de Oliveira (uns sessenta), vou limitáronle a dois: —*Paróquias rurais portuguesas e História eclesiástica de Portugal*.

O primeiro, publicado inicialmente na *Revista de Guimarães* (8), foi objecto de uma crítica do Prof. Torquato de Sousa Soares, no vol. II desta *Revista* (9), onde lhe fez certos reparos, reconhecendo, não obstante, que, «por versar tão difícil e obscuro capítulo da nossa história económico-jurídica, só -louvores merece o Padre Miguel de Oliveira.»

Aproveitando os reparos e sugestões do Crítico, o Autor reviu o problema, não se poupando a esforços.

A nova redacção do trabalho, aparecida em 1950, suscitou geral interesse e admiração e o Prof. Torquato Soares paissou a convidar Mons. Miguel de Oliveira para colaborador da *Rev. Port. de His-*

[7] «*Santa Iria e Santarém. Revisão de um problema hagiográfico e toponímico*», em *Rev. Port. de História*, XIV.

(8) Número comemorativo dos Centenários, Guimarães, 1940, pp. 19-32.

(9) Coimbra, 1943, pp. 460-465.

tória. É trabalho fundamental para a nossa História Medieval, embora os recentes estudos dos profs. G. Martínez Diez <sup>(10)</sup> e Torquato de Souisa Soares <sup>(11)</sup> obriguem a refundir alguns pontos.

A sua melhor obra, como trabalho crítico de síntese, é a *Historia Eclesiástica de Portugal* <sup>(12)</sup>.

Esta obra mereceu o Prémio «Alejandre Herculano» de História e os miáís rasgados elogios dos críticos niaicionais e estrangeiros.

Jullgo, todavia, que não se pode desejar melhor crítica do que a que lhe fez o ilustre historiador espanhol Mons. Dr. José Vives. Gomo homenagem a Monis. Miguel de Oliveira, publico os passos principais dia referida crítica e na língua original para não atrair o pensamento do seu Autor:

*«...Aunque con las características de un manual, la obra ha sido redactada con metodología estrictamente científica, abundando las notas a pie de página con referencias a las más recientes y valiosas obras históricas, de las que se aprovechan los resultados de crítica moderna. Un escollo en que chocan no pocos de nuestros manuales es el temor de enfrentarse con tradiciones seculares más o menos legendarias que históricamente ya no son defendibles. Oliveira sabe tratar con discreción y al mismo tiempo que con firmeza estas leyendas. En primer lugar expone con claridad lo que la documentación escricamente histórica permite afirmar sobre el fondo de cada narración antigua. Después expone asimismo lo que la tradición o la leyenda ha añadido a la misma narración o los elementos con que la ha coloreado, cuidando de señalar con precisión cómo y cuándo aparecen dichos elementos tradicionales o legendarios por primera vez, para que cada lector por su cuenta pueda enjuiciar «u valor histórico, sin que él se entretenga ni en defender su historicidad ni en combatirla.*

*El plan de presentación de la matéria está perfectamente adecuado a lo que Portugal representa en la península ibérica...*

*...De gran utilidad los apéndices, con la cronología de los papas, de los reyes de Portugal, de los Nuncios apostólicos y, sobre todo,*

<sup>(10)</sup> **El patrimonio eclesiástico en la España Visigoda**, Oomil'las, 1959.

<sup>(11)</sup> **Contribuição para o e&tudo das origens do Pavo Português**, Sá da Bandellra, 1970w

<sup>(12)</sup> | Em 1968 saiu a 4.ª edição.

*con los catálogos episcopales no sólo del Portugal sino también de todos los países de Oriente, África y América que han sido o siguen siendo colonias portuguesas, lo mismo que la gran cantidad de mapas parciales con las divisiones eclesiásticas y la no menor de grabados con los más importantes monumentos históricos...<sup>13</sup>.*

Mons. Miguel de Oliveira prestou um bom serviço aos estudiosos com o boletim mensal «*Selección documental*», que iniciou em Janeiro de 1953 e publicou até 1965, num total de 13 volumes.

No primeiro número indicou a finalidade do novo boletim: «Seleccionar os documentos de interesse mais geral e reuni-los em colecção acessível a toda a gente, sem luxos editoriais mas também sem descuido na fidelidade aos textos (...)».

Entre os documentos, arquivaremos os que interessam a todas as classes, ao menos medianamente cultas (...). Esta publicação só pretende ser útil e prática.»<sup>1</sup>

Mais meritória ainda foi a sua iniciativa da criação do Centro de Estudos de História Eclesiástica, promovendo para isso reuniões em Lisboa em 1956.

Aí foi lançada a ideia da fundação de uma revista como órgão do Centro, propondo Mons. Miguel de Oliveira que se chamasse LUSITANIA SACRA, nome já com tradição.

Fora, com efeito, este o título que a Academia Real da História, fundada por D. João V, em 8 de Dezembro de 1721, adoptara para a história eclesiástica do Reino, que se propunha começar a escrever.

«Não he a obra da LUSITANIA SACRA, afirmou então D. António Caetano de Sousa, outra cousa senão humia illustração histórica de todas as Igrejas de Portugal...».

O mesmo título escolheu o P. António Pereira de Figueiredo para uma sua colecção de trabalhos que se conserva ainda inédita na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa: «LUSITANIA SACRA / Isto he / Antigo, Moderno, Novissimo, / e Actual Estado da Igreja / de Portugal...» (14).

Por escolha unânime de todos os participantes nas reuniões, Mons. Miguel de Oliveira ficou a dirigir a nova revista, cuja fina-

<sup>13</sup> *Hispania Sacra*, XII (Bancelkma, 1959) pp. 231-232.

<sup>14</sup> Ver *Lusitania Sacra*, I (Lisboa, 1956), p. 297.

Hidaide e programa resumiu nestas singelas e expressivas palavras: «Da orientação de *Lusitana Sacra* não há mais que dizer. O monograma de Cristo <sup>(15)</sup> e a Cruz de Cristo — verdade e luz — são os dois símbolos que lhe apontam o ideal, bailizam o caminho e definem o programa» <sup>(16)</sup>.

A escolha não podia ser mais acertada, porque Mons. Miguel de Oliveira dedicou-se, de alma e coração, à nova revista, conseguindo publicar sete volumes, para o que teve de enfrentar e vencer dificuldades quase insuperáveis.

Por tudo isto, a memória de Mons. Miguel de Oliveira é credora da profunda gratidão de todos os que se dedicam à investigação histórica.

P. AVELINO DE JESUS DA COSTA

## Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval

De 25 a 30 de Setembro de 1972 terão lugar estas *Jornadas* subordinadas ao tema «A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade-Média», organizadas pelo «Centro de Estudos Históricos» da Universidade de Lisboa e pelo «Departamento de Estudios Medievales», da Universidade de Barcelona.

## Jornadas de Metodologia aplicada das Ciências Históricas

Comemorando o cinquentenário da criação da sua Secção de História, a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Santiago de Compostela (Espanha) promove a celebração das

[<sup>(15)</sup>] É o site monograma que a revista ostenta como emblema na capa e no rosto de todos os volumes.

[<sup>(16)</sup>] *Lusitania Sacra*, I, p. 298,